



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

JOSÉ SILVEIRA D'ÁVILA: ENTRE ARTE E INDÚSTRIA, ARTISTA OU ARTESÃO

Sandra Makowiecky*

1

Tentando me aproximar da temática do VI Simpósio Nacional de História Cultural, cuja proposta é a de pensar os problemas envolvidos nas escritas da história, sobretudo, como as escritas da história cultural respondem às mudanças ocorridas nos comportamentos, nos valores e visões de mundo, nas formas de conhecimento do real, nos regimes de verdades, nas experiências estéticas e expressões artísticas, nas crenças e mitos, vamos tratar de José Silveira D'Ávila, artista catarinense, cuja obra fez parte da pesquisa *Academicismo e Modernismo em Santa Catarina*. Ao fazermos a introdução do texto da pesquisa¹ *Academicismo e modernismo em Santa Catarina: Um registro de percursos e escolhas*, citamos:

Método de trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porem os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, mas fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os².

* Professora de História da arte – Graduação e Mestrado - Centro de Artes – UDESC. Email: sandra.makowiecky@gmail.com

¹ Makowiecky, S; Cherem, R.M. *Academicismo e modernismo em Santa Catarina*. 1.ed. Florianópolis: Editora da Udesc, 2010.v.1 705. p.

² BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 502.

Nos interessa refletir sobre algumas das descobertas feitas ao longo da pesquisa. No confronto entre dois postulados – um completamente imerso no campo tradicional da História e das Belas Artes, outro claramente disseminado num âmbito de resistência – se abre um debate crucial para nossa cultura: até quando e de que maneira é possível lembrar o passado imediato e quais seriam as estratégias efetivas da arte para manter viva e ativa a memória de nossa arte para gerações futuras? O ponto de partida da pesquisa remeteu à escassez de um arsenal imagético e bibliográfico capaz de ampliar o repertório visual e crítico sobre as artes plásticas em Santa Catarina, notadamente no que se refere à produção pictórica ocorrida entre meados do século XIX e primeira metade do XX, buscando abordagens e reflexões sobre as artes plásticas no âmbito da modernidade para além das leituras auto-centradas ou que registram apenas os vínculos europeus ou norte-americanos. O percurso esteve norteado pela procura de um entendimento mais abrangente e rico da produção artística, favorecendo avanços para além dos catálogos e estudos sobre acervos privados e/ou monotemáticos, como também pelas articulações entre particularidades e um conjunto mais abrangente de questões, possibilitando análises mais consistentes acerca de certas contaminações e desdobramentos plásticos. Aliado a este fato, constatou-se que poucos textos mencionam José Silveira D'Ávila. Em livros, quase nada. Entretanto, sua produção foi grande e apresenta uma obra que merece ser registrada, especialmente por sua atuação em favor das artes e do artesanato e de suas opiniões a respeito da arte, do artista e da criação, que podem fazer parte dos debates propostos neste simpósio, pois foi um artista dividido entre uma produção dita mais erudita e envolvido na defesa do artesanato. Pretende-se discutir a obra do artista, nas práticas do vivido, nas ações e reações de sua produção, circulação, recepção e desaparecimento e contribuir nas reflexões sobre as condições e transformações da percepção estética sobre o objeto, sobre suas re-significações e sobre as re-escritas de suas histórias. Todavia, já adiantamos que é impossível uma visão total deste tema, pois nossa memória opera selecionando aquilo que deseja. Muito já se teorizou sobre a impossibilidade de reapresentação do passado e a fragilidade da noção de resgate no pendulo que se movimenta entre o voluntário e o involuntário, entre o individual e o coletivo, o esquecimento e a lembrança, reconhecendo os lapsos e recalques, potencializações e alterações como dimensões da

memória. Melhor abordá-la como um fluxo, cuja proporção pode ser muito delicada e avassaladora, sujeito a saltos e desvios onde o imponderável e o contingente não cessam de se cruzar, sendo que aqui os riscos de apagamento precisam ser encarados e contornados, senão em todo, pelo menos no que nos cabe e até onde podemos. A expansão das fronteiras da disciplina de História da Arte e as suas conexões com outros campos do conhecimento ampliaram os enfoques dos estudiosos sobre os objetos de arte ao considerarem o contexto social em que os mesmos se instauram e as modalidades de visualização como um processo cultural. Os historiadores têm procurado focalizar as condições sociais, tais como o espectador, a visualização, a circulação, os processos de consagração, as questões técnicas e materiais, os espaços expositivos, os espaços e os tempos que constituem os objetos. Os novos estudos possibilitaram a consciência da complexidade do objeto de arte e da dificuldade de revelá-lo em sua plenitude. Nas últimas décadas, os Estudos Visuais e a Cultura Visual³ têm estimulado os debates no campo da arte e da História da arte a respeito dos pressupostos dos paradigmas modernos com os quais os historiadores, teóricos e artistas conceberam as suas práticas. Estas discussões acentuam-se com o aparecimento de novas técnicas de imagens e desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. A arte perde a sua hegemonia ao ser considerada como parcela minoritária das imagens visuais, no momento em que os Estudos Visuais e a Cultura Visual abordam o amplo repertório das manifestações cotidianas e procuram superar as fronteiras estabelecidas pela História da Arte e a hierarquia entre alta cultura e cultura popular. José Silveira D'Ávila, a seu modo, já tratava destas questões. O artista nasceu em Florianópolis em 5 de outubro de 1924 e faleceu no Rio de Janeiro em 30 de dezembro de 1985. Foi pintor, desenhista e gravador. Frequentou por oito anos (1945 a 1953) a Escola Nacional de Belas Artes com bolsa concedida pelo governo do Estado de Santa Catarina, bolsa que o artista sempre soube agradecer e corresponder em empenho aos estudos e com exposições que realizava na capital. Era pobre e desde cedo revelou suas aptidões para a pintura e escultura. O Estado resolveu custear seus estudos na ENBA, onde ingressou ainda adolescente, com 19 anos, em 1945. Alcançou várias premiações importantes na Escola Nacional de Belas Artes como Medalha de Ouro em pintura e medalha de Bronze em

³ KERN, M.L.B. História da arte, estudos visuais, Cultura Visual: Combates e debates. Anais do CBHA 2011- Colóquio do Comitê Brasileiro de História de Arte. Campinas, 2011, p. 507- 516.

escultura, prêmios também recebidos por Martinho de Haro e Victor Meirelles em pintura. O Governo do Estado de Santa Catarina, através da lei de nº 442, de 1º de junho de 1951, concede um prêmio de viagem ao estrangeiro ao artista catarinense José Silveira D'Ávila, complementando o prêmio que este havia recebido na Escola Nacional de Belas Artes em 1951. Este concurso estava interrompido por algum tempo e foi restabelecido em 1951, ano em que D'Ávila ganhou a Medalha de Ouro, juntamente com Plínio Lopes Cipriano. Com este prêmio, iria fazer cursos de aperfeiçoamento na Europa por cinco anos, mas permaneceu apenas três anos. Sobre o prêmio, assim se manifestou:

Esse prêmio representa para mim a oportunidade de ver a relação entre a obra, os mestres e as condições em que foram realizadas. A minha intenção não é imitar e sim, impregnar-me do espírito artístico e na semelhança e exemplo dos grandes mestres, realizar a minha obra pessoal, com a nossa realidade presente. Considero isso o máximo em arte. Não será a aquisição de uma forma já consagrada e sim, uma libertação⁴.

Em 1950 organizou com Carlos Oswald, o Atelier de Arte, que incrementou o desenvolvimento da gravura através de uma promoção em todo o Brasil. Em 1953, participou da 2ª Bienal Internacional de São Paulo, no Pavilhão dos Estados. Como divulgador das artes, ajudou a criar a Associação Brasileira de Arte Sacra, Escolinha de Arte do Brasil, Associação de Artistas Plásticos Contemporâneos - ARCO. Foi criador e primeiro presidente da Associação Brasileira de Artesãos – ABA, no Rio, criador das oficinas de Arte do MASC e diretor do Museu de Arte de Santa Catarina, de abril de 1981 a 15 de agosto de 1983. Cria as Oficinas de Arte no MASC e o Departamento de Pesquisas do Núcleo de Tecnologia Simples da UFSC. É considerado um dos pioneiros da serigrafia no Brasil. Foi um estudioso do vidro de arte, trabalhando com várias fábricas cariocas e paulistas. Entusiasmado pelas coisas ligadas à profissão que abraçou, era muito interessado em urbanismo. Viveu grande parte de sua vida fora do Estado e teve forte ligação com o artesanato e preocupação com a arte e indústria. Realizou diversas exposições no Brasil e no exterior. No salão Nacional de Arte Moderna, no qual participou em diversas versões, recebeu certificado de isenção do júri em 1958 com prêmio de viagem ao país e Prêmio de *Viagem ao Estrangeiro* em 1965. O prêmio que

⁴ D'Ávila em Vitória do esforço e da inteligência. Jornal Diário da Tarde, Florianópolis, 10 abr. 1951.

recebeu em 1965 cedido pelo Salão Nacional de Arte Moderna, o permitiu estudar na Europa de 1966 a 1968. Em 1979 volta a residir em Florianópolis onde apresenta no MASC, em 1980, uma retrospectiva de sua obra. Era bastante ativo e a documentação nos jornais destaca muito a função social da arte, posto que D'Ávila reforça bastante esta questão, especialmente quando passa a se dedicar ao artesanato, a nosso ver, em primeira tentativa de união entre arte e indústria no Estado de Santa Catarina.

Era sem dúvida, erudito e culto, conhecedor da história da arte e incansável pesquisador de técnicas. Foi um dos pioneiros do Silk-Screen no Brasil. Desde 1955, interessado em novos materiais e na integração da arte com a indústria, aceitou o convite e colaborou com a Formiplac [Figura 1] para o desenvolvimento dos laminados decorativos. Designer de Produtos Têxteis, Cerâmica e Padronagem Industrial. Estudou arte e artesanato de 21 países. Pioneiro da renovação do vidro de arte colaborou em várias fábricas do Rio e São Paulo. Mas talvez seja essa faceta, entre arte e indústria, entre artista e artesão que o condenou a um leve esquecimento, se comparado com outros expoentes de sua época. Todavia, cabe registrar que ao que nos parece, o artista diferenciava ou estabelecia limites de ação e função entre uma área e outra. No caso, o problema pode estar na recepção do público à essas duas facetas de sua atuação. Cabe destacar algumas falas do artista sobre sua produção de vidro em uma exposição na Galeria Sérgio Millet, no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, em 1977⁵. Disse ele: *"Com o vidro tive uma viva preocupação de procurar formas decorrentes dessa interação: homem, natureza e vocação. O vidro é o ponto alto da exposição porque não existe uma grande produção; muitos olham os vidros e não a pintura"* [Figura 2 e Figura 3]. Em 1983 foi publicado o livro *"O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea"*⁶, pela Funarte e Instituto Nacional do Folclore, com artigos selecionados em um concurso nacional⁷. Os jurados foram Gilberto Velho, Gilberto Freire e Marcilio Marques Moreira. Tanto a Funarte como o Instituto Nacional do Folclore entendiam como indissociáveis a manutenção da

⁵ Jornal do Brasil. D'Ávila e sua difícil e desconhecida arte vidreira. Caderno B. Página 8. Rio de Janeiro, terça-feira, 27 de setembro de 1977.

⁶ O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. Textos de Berta G. Ribeiro e outros. Rio de Janeiro. Funarte/ Instituto Nacional do Folclore. 1983. 253 p.

⁷ D'Ávila publicou um artigo neste livro, justamente o que serviu de título ao livro, nas páginas 167 a 188.

identidade cultural e a elevação da qualidade de vida dos segmentos da população brasileira que se concentram em atividades artesanais.

As ideias principais do artista, que teve artigo selecionado para o livro, são de que o artista poderia conciliar um trabalho em arte e ter uma produção paralela com artesanato para sobreviver. Queria evidenciar a importância de uma consciência cultural como o contexto para o desenvolvimento adequado das atividades artesanais. Dizia que a necessidade de sobrevivência é na maioria das vezes mais fortes que as aspirações de beleza e outros fatores transcendentais quando as exigências primárias não são sistematicamente atendidas. Defendia o artesanato tanto para artistas como para grande parcela das populações dos países em desenvolvimento, como o Brasil. Apoiava seus argumentos em *Jacques Maritain*⁸, que dizia que das belas artes ao artesanato o grau de liberdade vai da maior ou menor função utilitária do objeto produzido e do maior ou menor grau de liberdade de beleza e poesia em função da utilidade. E que a liberdade criativa é mais difícil de existir nas linhas de produção repetitiva e monótona da indústria moderna. Diz *Maritain*, sobre a transcendência das belas artes, que não é necessário entender de maneira absoluta a divisão das artes em arte utilitária e belas artes. Que na mais humilde das obras do artesão, ele tem, se a arte é presente, uma preocupação de beleza, por uma sorte de repercussão indireta das exigências da criatividade do espírito sobre a produção do objeto que deve servir às necessidades humanas.

D'Ávila, por seu turno, apoia estas ideias e defende a importância da atividade artesanal para preservação da liberdade individual. Diz o artista⁹ no artigo "O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea", que sem negar o valor dos outros fatores propulsores do desenvolvimento do homem e da sociedade, ele apontou o fator rural como o mais urgente a ser ressalvado para a sobrevivência de nossa identidade, como contribuição original, para um mundo mais rico, justo e para a paz universal. Defende que a importância dos artesanatos na sociedade contemporânea tem

⁸ MARITAIN, Jacques. *L'intuition créative dans l'art et dans la poésie*. France. Desclée de Brouwer, 1966.420 p.

⁹ D'ÁVILA, J. Silveira. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In: *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Textos de Berta G. Ribeiro e outros. Rio de Janeiro. Funarte/ Instituto Nacional do Folclore.1983.p. 167-188.

seu maior significado e valor pelas referências culturais e humanas de seus estilos e que artesanato é produção humanizada e humanizante. O texto que escreveu é longo, mas o autor discorre o tempo inteiro tentando definir termos e colocações para evitar confusão conceitual sobre arte, artesanato e indústria. Defende também que os artesanatos e artesãos só podem ser avaliados na sua importância, na sociedade contemporânea, se observados no âmbito cultural. A sua preocupação com o artesanato é aspecto pouco observado em sua obra. Diz ele que a diferença entre artista e artesão reside ao que o autor se dedica e no que resulta sua produção:

Em países mais desenvolvidos há uma organização mais próxima da indústria. Aqui se confunde artista com artesão. O artista tem a capacidade criadora. O artesão tem um grande conhecimento do *metier*, sem, no entanto, a capacidade de criação. Se a tem, é artista também. Se houvesse uma estrutura organizada, seria possível até diminuir o êxodo rural e trazer divisas para o país. Os artesãos italianos são responsáveis por 15% das divisas que entram no país. Na Segunda Guerra Mundial, quando as indústrias européias viviam uma situação de crise, foi através das indústrias do artesanato que elas se refizeram.¹⁰

7

O artista plástico Waltércio Caldas, em pronunciamento no Simpósio Terceira Margem, promovido pela 6ª. Bienal do Mercosul, em abril de 2007 traçou um paralelo profundo e erudito entre as diferenças entre os conceitos de arte e cultura, trazendo à tona diferenças importantes. *Arte é individual e imprevista. Cultura é coletiva e prevista. A arte produz um tempo, a cultura sofre o tempo. Arte é uma das manifestações da cultura.* Assim, concordamos com o artista¹¹, entendemos ser um equívoco falarmos de arte como se falássemos de cultura. No livro “*A cultura e seu contrário*”, Teixeira Coelho (2008), o último ensaio acata a ideia do cineasta Jean-Luc Godard, para quem “*a cultura é a regra, a arte, a exceção*”. Na arte, segundo o autor, se concentra todo o poder de hostilidade ao mundo, de “*ampliação da presença do ser*”, de ruptura, de fugacidade. E isso não se aplica à cultura. D’Ávila, a seu modo, defendia também essas ideias:

¹⁰ Jornal do Brasil. D’Ávila e sua difícil e desconhecida arte vidreira. Caderno B. Página 8. Rio de Janeiro, terça-feira, 27 de setembro de 1977.

¹¹ MAKOWIECKY, S. Entre territórios: arte e política. 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.

“Entre Territórios” – 20 a 25/09/2010 – Cachoeira – Bahia – Brasil. Pag.914-928.

Afinal, a cultura é um valor básico tão importante na estrutura mental e na sobrevivência de um povo como é o valor econômico, político, religioso, científico, etc. Um povo que não tem expressão própria, perdeu a sua alma.[...] Mais do que o conhecimento erudito, é a frequência às boas obras de arte que desenvolve a percepção e uma mentalidade identificada com o meio ambiente e as direções do espírito de uma comunidade¹²

Sobre sua obra, parece que o desejo de integração dos processos de arte e vida inclui a dimensão histórica e cultural que lhe confere uma certa intemporalidade, ou interpenetração de épocas, seja em temas, seja em formas. Parte da experiência do informalismo de manchas gestuais lançadas no suporte e depois evolui para figurações diminutas onde se contrasta a largueza do gesto inicial com um virtuosismo miniaturista. Sua obra foi ampla e bem ousada na pintura, onde a mistura de tempos é perceptível. Em seus trabalhos, a pincelada, a aguada e as manchas estão entre as principais características [Figura 4 e 5]. Na gravura [Figura 6], em sua maioria, utiliza uma linguagem mais realista. De modo geral, transita entre o borrão e a forma definida, surgindo entre elas um mundo imaginário, de seres fantásticos, vegetais e animais singulares, e uma intercomunicação de percursos medievais ou barrocos, revelados por suas filiações históricas e culturais. Seus desenhos e pinturas fantásticas retratam um fundo contemplativo, pela profunda religiosidade no catolicismo açoriano da Ilha de Santa Catarina, de luzes e sombras, anjos e demônios, e também das vivências cultas, do pesquisador e conhecedor de materiais e história da arte¹³.

Foi embebido desde cedo, no vivido catolicismo herdado de colonos açorianos, colorido forte e medieval. Este fantástico mundo de trevas e luz, céus e infernos, anjos e demônios, na eterna luta entre o bem e o mal, entrou-lhe na alma, e na obra, junto com o leite e as histórias maternas¹⁴

Impressiona sobremaneira em D'Ávila as suas ponderações acerca da arte, do processo criador, da função da arte, com um pensamento bastante atual.

¹² Jornal "A Gazeta". Inquieto e disposto à luta. Entrevista feita por Carlos Augusto Feldmann. Florianópolis, 18 de setembro de 1981.

¹³ BORTOLIN, Nancy Therezinha. **Indicador catarinense de artes plásticas**. 2 ed. rev. ampl. Itajaí: Ed. UNIVALI; Florianópolis: Ed da UFSC, 2001.

¹⁴ Racz, Georges. IN: Homenagem a José Silveira D'Ávila. Catálogo da exposição. Museu de Arte de Santa Catarina. Março a abril de 1989.

Como o cientista que descobre as forças latentes da natureza, o artista pela sua especial sensibilidade e intuição, pode despertar os nossos sentidos para a vida e beleza que existem mesmo nos objetos inanimados e torna-nos mais conscientes do mundo que nos cerca. Mais do que isso, o artista pode criar de acordo com uma unidade de pensamento um mundo harmonioso e coerente o que faz da arte um precioso elemento neste mundo de total desintegração¹⁵.

Como influência citou Michelangelo, Rafael, Picasso e os primitivos. Admitia a influência européia entre os jovens, apesar da tentativa de renovação que se processava no Brasil. Seu processo criativo necessitava de um grande período de labor e pesquisa e dizia que a obra de arte tem que conter, antes de tudo, arte. Um quadro, para ser uma obra de arte deve ser primeiramente, uma expressão estética e secundariamente ou ocasionalmente, uma expressão arqueológica, social, política, ou moral.

Agora, com trinta e cinco anos de profissão artística, percebo que todo o meu trabalho artístico está ligado ao ambiente cultural aqui vivido nos anos mais fundamentais da formação de nossa concepção de mundo.[...] No lar, como nas escolas onde estudei, a minha espiritualidade unida ao ambiente cultural tinham uma harmonia que não era desmentida pela beleza natural da ilha, nos idos de 1924 a 1940. No portal da capela do Santíssimo, na Catedral Metropolitana, onde fui coroinha, estava pintada uma frase que sempre me animou nas adversidades: Laudate Domine Laetitia – Amaí ao senhor na alegria. [...] Alegria, para mim, tem sempre um gostinho de Florianópolis¹⁶.

Para o artista, o registro de uma imagem ajuda muito, desde que a pessoa saiba olhar. Segundo ele, muita gente ainda não descobriu a importância de comparar a imagem que um pintor ou um desenhista captou com a realidade. Isso é importante para as pessoas tomarem consciência de si mesmas, da relação com o meio, dos valores culturais e da importância que isso tem. Há coisas que são importantes como a luz, a amizade e os valores culturais que nos ligam que não tem um valor material, mas uma forma de percepção. “E sem este aspecto de interrelação, de vínculo e de raiz, a gente não tem obrigação com ninguém. Então, realmente, o mundo fica uma selva terrível. Daí surge o problema das depredações dos bens públicos”.¹⁷ O que se percebe na obra

¹⁵ Jornal “Ilha”. Entrevista com d’Ávila. Florianópolis, fevereiro de 1966.

¹⁶ CONVERSA com José Silveira D’Avila. **Jornal A Gazeta**. Florianópolis, 08 nov. 1981.

¹⁷ D’ÁVILA apud PRADO, Paulo. Os artistas da ilha querem um museu para preservar o passado. **O ESTADO**. Florianópolis, p.11, 2 nov. 1980.

de D'Ávila, em especial nas pinturas, é um vívido catolicismo herdado de colonos açorianos, colorido forte e medieval. Este fantástico mundo de trevas e luz, céus e infernos, anjos e demônios, na eterna luta entre o bem e o mal, que entrou-lhe na alma junto com as histórias maternas.

Vimos um artista dividido entre arte e indústria, tentando profissionalizar o ofício, em vários de seus movimentos, acreditando firmemente na integração da arte com a indústria e no uso de novos materiais. Foi também um professor dedicado e empreendedor que quando à frente do Museu de Arte de Santa Catarina, em 1981, compreendeu a importância de um espaço aberto e público voltado à produção da arte, comprando a prensa e as pedras de litografia entre outras iniciativas, e por uma conjunção de fatores, estabeleceu uma atmosfera de pesquisa que forjou um espírito comprometido com o processo e com o aprofundamento do trabalho coletivo e individual no embrião das oficinas de arte do MASC, determinante para a continuidade destas atividades até os dias de hoje, em que questões como a produção, limites do individual e do coletivo, linguagem e meios, ganham nas oficinas do MASC, um amplo espaço para discussão e lentamente se constrói um corpo criativo e estimulante. A presença de D'Ávila merece ser acordada de um passado muito próximo para nos lembrar constantemente que o mundo da modernidade é um mundo de rigorosa descontinuidade em que o novo já não é o antigo que perdura, nem um fragmento do passado que retorna. Trata-se, pelo contrário, de uma experiência intermitente que ofusca o olhar, como dizia Walter Benjamin. Não queremos um presente eterno e sem memória.

Hoje, nem sempre os clássicos são lidos. A glória dos espíritos vazios e sem obras é maior do que o esperado. Política, obras de arte e obras de pensamento, antes admiradas, tornam-se coisas indiferentes. Dificilmente podemos desfazer a imagem do caos. [...], As duas maiores invenções da humanidade – o passado e o futuro, como escreve o poeta- desaparecem, dando lugar a um presente eterno e sem memória¹⁸.

¹⁸ NOVAES, Adauto. Herança sem testamento? In: NOVAES, Adauto (org.). **Mutações. Ensaios sobre as novas configurações do mundo**. SESC/ SP. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

IMAGENS:



Figura 1 - José Silveira D'Ávila. Painel feito em 1958 por Jose Silveira D'Ávila para a Formiplac- Laminado plástico – fórmica. Acervo de Roberto Abud.



Figura 2 - José Silveira D'Ávila. Garrafa I - Técnica: vidro. Ano de criação: s.d. Dimensões: 8 x 35,8 cm. Acervo MASC.



Figura 3 - José Silveira D'Ávila. Garrafa II- Técnica: vidro. Ano de criação: s.d. Dimensões: 5 x 36,8 cm. Acervo MASC.



Figura 4 - José Silveira D'Ávila. Ascensão ao Senhor. Florianópolis (1984). Acrílica sobre madeira [22;15]. Acervo do MASC (2009).

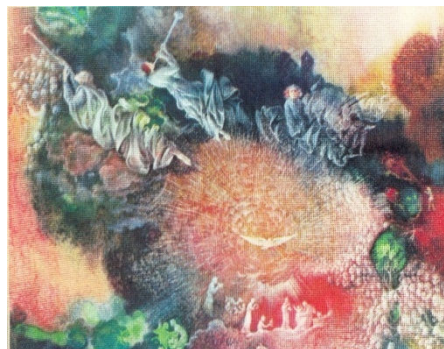


Figura 5 - José Silveira D'Ávila. Natividade. Florianópolis(1974-78). Aquarela. Dimensões: 60 x 50 cm. Acervo do MASC (2008).



Figura 6 - José Silveira D'Ávila. Rio moderno e antigo. Gravura em metal (Água forte) - 14 x 19 cm.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CULTURA açoriana é realmente dominante na ilha? **Diário Catarinense**, Florianópolis, 25 mar. 1996. Caderno Especial n.05, p.11.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 502.

BORTOLIN, Nancy Therezinha. **Indicador catarinense de artes plásticas**. 2 ed. rev. ampl. Itajaí: Ed. UNIVALI; Florianópolis: Ed da UFSC, 2001.

CATÁLOGO da Exposição Retrospectiva da obra. D'Ávila. Pinturas, desenhos, vidros. Florianópolis, Museu de Arte de Santa Catarina, 1980.

CONVERSA com José Silveira D'Ávila. **Jornal A Gazeta**. Florianópolis, 08 nov. 1981.

D'ÁVILA, J. Silveira. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In: **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Textos de Berta G. Ribeiro e outros. Rio de Janeiro. Funarte/ Instituto Nacional do Folclore.1983.p. 167-188.

D'ÁVILA, José Silveira. Vitória do esforço e da inteligência. **Jornal Diário da Tarde**, Florianópolis, 10 abr. 1951.

D'ÁVILA, J. Silveira. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. In: **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Textos de Berta G. Ribeiro e outros. Rio de Janeiro. Funarte/ Instituto Nacional do Folclore.1983.p. 167-188.

EXPOSIÇÃO de José Silveira D'Ávila. **Jornal Diário da Tarde**, Florianópolis, 10 de abr. 1951.

FELDMANN, Carlos Augusto. Inquieto e disposto à luta. **Jornal "A Gazeta"**. Entrevista. Florianópolis, 18 set. 1981.

Jornal do Brasil. D'Ávila e sua difícil e desconhecida arte vidreira. Caderno B. Página 8. Rio de Janeiro, terça-feira, 27 de setembro de 1977

Jornal "Ilha". Entrevista com D'Ávila. Florianópolis, fevereiro de 1966.

KERN, M.L.B. **História da arte, estudos visuais, Cultura Visual: Combates e debates**. Anais do CBHA 2011- Colóquio do Comitê Brasileiro de História de Arte. Campinas, 2011, p. 507- 516.

MAKOWIECKY, S; CHEREM, R.M. **Academicismo e modernismo em Santa Catarina**. 1.ed. Florianópolis: Editora da Udesc, 2010.v.1 705 p.

MAKOWIECKY, S. **Entre territórios: arte e política**. *19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. "Entre Territórios" – 20 a 25/09/2010 – Cachoeira – Bahia – Brasil. Pag.914-928.*

MARITAIN, Jacques. **L'intuition créative dans l'art et dans la poésie**. France. Desclée de Brouwer, 1966.420 p.

NOVAES, Adauto. Herança sem testamento? In: NOVAES, Adauto (org.). **Mutações. Ensaio sobre as novas configurações do mundo**. SESC/ SP. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

PRADO, Paulo. Os artistas da ilha querem um museu para preservar o passado. **O ESTADO**. Florianópolis, p.11, 2 nov. 1980.

RACZ, Georges. Homenagem a José Silveira D'Avila. **Catálogo da exposição**. Florianópolis, Museu de Arte de Santa Catarina. mar./abr. de 1989.

RIBEIRO, Berta G. e outros. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro. Funarte/ Instituto Nacional do Folclore.1983.253 p.

SALIM, Miguel. **Revista Sul**. Florianópolis, n.6, de 13 abr. 1951, p.42.

ZALUAR, Abelardo. In: **Catálogo da Exposição Retrospectiva da obra D'Avila: pinturas, desenhos, vidros**. Florianópolis, Museu de Arte de Santa Catarina, 1980.